DOI: https://doi.org/10.5007/2175-8034.2026.e107510

Identidade e Política nas Fronteiras do Largo da Ordem, Curitiba, Brasil

Maria Guilhermina Galdo Ruchaud[1]
Alicia Norma González de Castells[1]
[1]Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

Resumo

Este trabalho trata de reflexões sobre a conformação de territórios e suas fronteiras simbólicas em centralidades urbanas consolidadas, a partir de um ensaio etnográfico que investiga o papel de marcos físico-territoriais, filiações políticas e de marcadores sociais, entre outras variáveis, na configuração e reconfiguração de divisas percebidas no cotidiano da cidade. Essa leitura foi desenvolvida no Largo da Ordem, situado no centro histórico de Curitiba, por meio de uma inserção em campo sob a perspectiva da observação participante. Além do objeto de interesse deste estudo, são indicadas reflexões potenciais para a Antropologia Urbana no que se refere a abordagens metodológicas em contextos urbanos familiares /ao autor/a.

Palavras-chave: Antropologia urbana; Fronteiras urbanas; Etnografia urbana; Observação participante; Largo da Ordem.

Identity and Politics on the Borders of Largo da Ordem, Curitiba, Brazil

Abstract

This work brings up reflections on the conformation of territories and its symbolic boundaries within settled urban centres, through an ethnographic essay which investigates the roles of physic-territorial marks, political choices and social markers, among others, for the configuration and reconfiguration of borders as they are perceived in the city's day-by-day. This analysis was developed in Largo da Ordem, located within the historical centre of Curitiba, Brazil, through a field work under the perspective of the participant observation. Besides the object that interests us, this study indicates potential reflections for Urban Anthropology, such as methodologic approaches in urban contexts which are familiar to its author.

Keywords: Urban anthropology; Urban borders; Urban ethnography; Participant observation; Largo da Ordem.

Recebido em: 16/06/2025
Aprovado em: 28/09/2025
Publicado em: 23/10/2026

Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

1 Introdução

Este ensaio propõe um olhar etnográfico sobre um final de semana específico no Largo da Ordem, região central da cidade de Curitiba, Paraná, em outubro de 2022. Trata-se de um exercício provocado pela identificação de dinâmicas culturais muito específicas, circunscritas em um território com divisas móveis e porosas, que se destacam em relação aos entornos imediatos na área central de uma grande metrópole brasileira. A caracterização, situada no tempo, das divisas e dinâmicas que compõem o Largo da Ordem no momento da escrita deste ensaio, foi feita por meio de um trabalho de campo sob as perspectivas da Antropologia Urbana, apoiado em um conjunto de procedimentos metodológicos.

2 Fronteiras Urbanas

Por si só, definir as fronteiras do Largo da Ordem é impreciso, como normalmente ocorre quando lidamos com fronteiras urbanas. Como pressuposto para a delimitação do recorte, é importante lembrar, conforme propõe Barth (2000, p. 34), que "[...] as fronteiras sobre as quais devemos concentrar nossa atenção são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial". Em que pese o contexto dessa citação não se referisse a contextos urbanos, as reflexões de Barth são importantes para compreender que as fronteiras sociais são móveis e contextuais, definidas pelas relações entre os diferentes grupos, e que sua delimitação depende menos da identificação de elementos territoriais fixos e mais da compreensão das dinâmicas estabelecidas pelas pessoas que compõem essas fronteiras. Assim, é importante também observar que um relato etnográfico de uma determinada localidade, além de ter suas fronteiras eventualmente fluidas, também deve levar em conta que o recorte escolhido não existe de forma isolada de seu contexto, particularmente no campo das cidades. A própria delimitação do recorte sugere a necessidade de, nos termos propostos por Magnani (1993, p. 5-6),

> [...] resistir à tentação de encarar o objeto de pesquisa escolhido – este ou aquele bairro, tal ou qual seita religiosa, instituição social, prática cultural ou movimento popular – como se constituíssem uma 'aldeia', nos moldes de algumas das sociedades tradicionalmente estudadas pelos antropólogos. Seja qual for o recorte escolhido, é preciso levar em consideração a malha de relações que mantém com a sociedade envolvente: a dinâmica de um espaço não se esgota no seu perímetro, assim como o significado mais amplo de uma comunidade religiosa afro-brasileira vai além dos limites do terreiro.

O tema das fronteiras urbanas será abordado ao longo dessa primeira parte conforme proponho a delimitação do recorte de estudo.

A origem da palavra "largo" na acepção urbana se relaciona aos espaços públicos abertos das cidades coloniais brasileiras, que, sem a marcação linear das ruas, e delimitados por edificações e acessíveis por vias estritas, sediavam diversas interações, abrangendo desde feiras até desfiles militares, por exemplo (Robba; Macedo, 2002). Ainda de acordo com os autores, a caracterização de "largo" tinha muito a ver com certa indeterminação e ausência de projeto e ajardinamento, com muitos desses espaços tendo sido transformados nominalmente em jardins e praças a partir das intervenções das administrações municipais ao longo do início do século XX.

O logradouro público formalmente identificado como Largo da Ordem é referido na cartografia oficial de forma a restringir-se a uma área quase triangular, delimitada por edificações de dois ou três andares, a maioria delas remetendo ao início do século XX, destacando-se a Igreja da Ordem de São Francisco, que dá nome ao largo; e por três "vazamentos" nos vértices, direcionando às ruas denominadas São Francisco, Claudino dos Santos e José Bonifácio. Veremos por que essas divisas, e mesmo esses nomes, são pouco reveladores.

A área que conforma o Largo da Ordem é pavimentada por pedras escuras de basalto, conformadas em uma paginação radial marcante, que direciona o olhar a uma pequena fonte d'água baixa e simples, em forma de tronco de cone, formada pelas mesmas pedras negras do pavimento. Não existem aqui jardins ou mobiliários urbanos, em uma conformação que remete aos largos históricos das cidades coloniais. Essa pavimentação é a mesma das ruas São Francisco e Claudino dos Santos, cuja direção acompanha um dos vértices do triângulo – aquele delimitado pela antiga igreja – e que por sua homogeneidade formal, marcada pela pavimentação e pela delimitação das edificações, torna frágil a delimitação da fronteira do largo.

Mas não é só o aspecto morfológico – embora esse seja muito relevante – que dificulta a apreensão da fronteira entre o largo e as ruas que partem de dois de seus vértices. São fundamentalmente as práticas espaciais – objeto deste ensaio – que conferem continuidade não somente entre o largo e essas ruas, mas também com espaços já bastante distintos morfologicamente, como o Cavalo Babão (apelido dado a um chafariz no centro da Praça Garibaldi), as Ruínas de São Francisco e a Rua Trajano Reis. Chegaremos lá.

Por outro lado, existe uma fronteira muito marcada em uma de suas divisas, tangenciada pela Avenida Nestor de Castro, uma artéria de veículos que rasgou o Centro Histórico da cidade na década de 1970 e que, por uma relação de escala muito distinta e pelo trânsito de alta velocidade, impõe uma barreira transparente entre o Largo da Ordem e o restante do Centro Histórico da cidade, atravessado somente por uma via subterrânea que é parte da Rua José Bonifácio.

Assim, conformar o lugar de interesse deste ensaio se impõe como o primeiro desafio, um desafio que não é casual, mas sim central no campo da Antropologia Urbana, como pretendo discutir. A primeira parte deste ensaio será dedicada a um passeio que busca explorar o Largo da Ordem – não como logradouro, mas como um lugar de fronteiras mutáveis e conformadas por práticas sociais.

Figura 1 – Fotografia aérea que demonstra, à esquerda, a Nestor de Castro, e, à direita, a continuidade entre Rua São Francisco, Largo da Ordem e Rua Claudino dos Santos



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Podemos começar por baixo, por uma escolha conveniente – parece-me mais fácil delimitar o Largo da Ordem em sua porção inferior em relação a fazê-lo em sua parte mais alta. A Avenida Barão do Serro Azul, continuação da Cândido de Abreu, é uma importante via urbana do Centro de Curitiba, embora tecnicamente esteja situada nos bairros Centro Cívico e São Francisco. Termina em uma bifurcação: quem segue à esquerda do obelisco entra nos meandros do Centro, na Rua Prefeito João Moreira Garcez; quem vira à direita adentra a Nestor de Castro, que conduz motoristas de veículos aos bairros das Mercês e do Batel. Perpendicular ao ponto final da Barão é que começa a subida da São Francisco.

Do ponto de vista morfológico, a fronteira é evidente: as pedras antigas em oposição ao asfalto, as edificações baixas com aspecto eclético em oposição aos grandes edifícios residenciais, a topografia acentuada em oposição à rua plana. Ao adentrarmos a Rua São Francisco no sentido que sobe já estamos no Largo da Ordem.

Após passar pelo Largo da Ordem propriamente dito, continuamos subindo pela rua, que agora se chama Claudino dos Santos, embora esse nome seja raramente acionado pela população local. A primeira transformação notável na paisagem se dá quando essa rua conduz a outro largo, esse muito maior, a Praça Garibaldi, mais conhecida no cotidiano da cidade como o "Cavalo Babão". Além da mudança na pavimentação – a praça é revestida de *petit-pavet*, ou "pedra portuguesa", ou "petipavê" – existe uma transformação na escala, já que a praça é muito pouco delimitada por construções: trata-se de um intenso cruzamento

entre ruas importantes da cidade, marcada em seu centro por um grande chafariz com uma escultura que representa a cabeça de um cavalo – daí o apelido do lugar. Se o aspecto morfológico fosse meu objeto de estudo, talvez encerrasse aqui a delimitação da área, mas ainda vamos caminhar muito mais, e logo vamos entender por que.

Mapa 1 – Elementos espaciais que conformam o Largo da Ordem



Fonte: Desenvolvido pela autora com apoio do Google Maps (2022)

O Cavalo Babão rompe a linearidade observada até aqui e induz pedestres a fazerem escolhas. Quem descer à esquerda vai em direção ao Centro da cidade; quem continuar à esquerda do chafariz, segue subindo em direção à Rua Keller, em um trecho da praça também delimitado por construções do início do século, que abrigam comércios pouco movimentados; se seguir à direita do chafariz sobe em direção à Rua Jaime Reis, também marcada por edificações antigas, essas ocupadas por bares; e, se virar à direita vai em direção à Trajano, que será abordada mais adiante. Com exceção da descida à esquerda, é possível discutir até certo ponto que todas essas escolhas conduzam o pedestre a diferentes partes do Largo da Ordem, em uma perspectiva expandida que proponho aqui a partir das dinâmicas espaciais observadas.

Ao propor a delimitação de fronteiras do Largo da Ordem como um lugar mais abrangente do que um logradouro público, e a partir de determinados aspectos morfológicos e de práticas urbanas, podemos ser conduzidos a pensar no Largo da Ordem nos termos de uma "totalidade", que, como propõe Magnani (2009, p. 153-154), "[...] não constitui um recorte empírico, é mais um pressuposto, uma condição de pesquisa, mas pode se apresentar e se desdobrar na forma de arranjos identificáveis que permitem descrever alianças, links, redes".

Todos esses caminhos, ao contrário do que ocorria até a chegada ao Cavalo Babão, levam a ruas com trânsito de veículos, mas que, com largura mais estreita e pavimentação de pedras, induzem um trânsito de menor velocidade, complementado por calçadas geralmente mais largas.

Como definir as fronteiras dessa totalidade? Onde começa e onde termina? E quais serão os critérios? Para começar a responder a essa pergunta vou começar a entrar em campo – ainda não no final de semana escolhido, mas sim em uma perspectiva cotidiana. Afinal, se proponho que as práticas espaciais ajudam a ordenar a percepção do espaço, tenho que explicar que essas práticas são distintas em distintos momentos.

Em manhãs e tardes de dias de semana todos os trechos que mencionei são pouco movimentados por pedestres e veículos, em oposição ao que se observa no lado sul da Nestor de Castro, onde está o comércio popular do Centro de Curitiba, na Praça Tiradentes, Rua Quinze de Novembro e outras do entorno. Por outro lado, nas noites de dias de semana – principalmente de quinta e sexta – e de sábado, enquanto o centro comercial esvazia, as ruas de pedras são inundadas por jovens – embora haja pessoas de todas as idades – passeando, sentando nos bares, bebendo cerveja e drinques, ouvindo música. Ocorre que a maior parte das edificações que delimitam as ruas descritas até aqui – exceção feita às igrejas, ao Memorial de Curitiba e aos poucos comércios diversificados – são ocupadas por bares.

As formas de ocupação do espaço nas noites nos ajudam a visualizar essas fronteiras difusas. Se alguns bares optam por colocar mesas nas ruas – principalmente nas áreas mais amplas, de pedras escuras e sem trânsito de veículos – e outros apresentam como forma de consumo as pessoas bebendo cerveja de pé no lado de fora, em todo caso o que se vê é uma concentração demográfica notável ao longo das ruas mencionadas até aqui, em nítida oposição ao que ocorre em outras ruas do entorno. À noite há pouquíssimo movimento nas ruas comerciais do Centro e nas importantes vias de trânsito como a Barão do Serro Azul, conformando um contraste que alimenta a percepção das fronteiras do Largo da Ordem.

Figura 2 – Aglomeração de pessoas à noite no Largo da Ordem



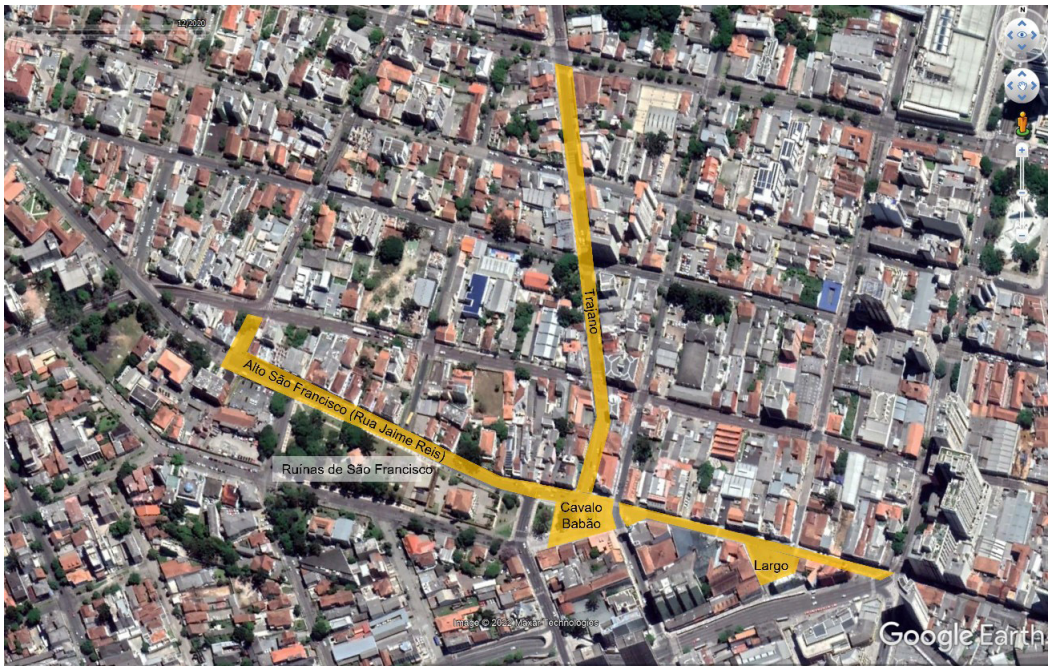
Fonte: Jornal Bem Paraná (2022)

A transferência do nome de um largo específico para a totalidade dessa vasta e imprecisa região é por si só um tema interessante quando falamos de fronteiras. Embora o Largo da Ordem seja esse "triângulo" por onde comecei este ensaio, a extensão de seu nome ao restante das áreas em que se desenvolvem essas dinâmicas chama a atenção inclusive nos nomes de alguns estabelecimentos: o Bar do Largo se situa no próprio Largo da Ordem; mas o Tragos Largos e o Boteco da Ordem se encontram na esquina entre a Trajano e o Cavalo Babão,

uma quadra acima do logradouro Largo da Ordem; enquanto o Boteco do Largo fica no Alto do São Francisco, esquina da Jaime Reis com a João Manoel, 5 a 10 minutos a pé da Igreja da Ordem, em um lugar que, embora faça parte do recorte, não aparece representado no Mapa 1. Ainda, outros estabelecimentos comerciais com nomes diversos trazem o Largo da Ordem como referência para sua localização, como uma loja de sapatos na Praça Garibaldi que coloca o endereço em sua página no Instagram como "Largo da Ordem". Por fim, uma simples busca pelo nome "Largo da Ordem" no Google Imagens deve retornar fotografias de todo esse entorno mencionado, incluindo a vida noturna e a feira de domingo, não somente o largo propriamente dito.

Aos domingos a Feira do Largo da Ordem reconfigura profundamente o espaço, e acaba por reiterar algumas das percepções trazidas pela boemia. Nomeada a partir do largo, a feira ocupa um espaço em grande parte coincidente com a extensão da vida noturna – desde a esquina com a Barão do Serro Azul, em sua parte mais baixa, até as Ruínas de São Francisco, com concentrações de barraquinhas no Largo da Ordem e no Cavalo Babão, e inclusive ocupando uma quadra da Mateus Leme – essa pouco incluída na vida noturna – e da Trajano – em uma extensão mais curta do que aquela ocupada pelos bares. Se a comparação da feira com a vida boêmia traz dúvidas sobre a inclusão das vias perpendiculares sob a nomenclatura do Largo da Ordem, por outro lado reitera uma espécie de centralidade pouco sujeita a dúvidas marcada pelo eixo que conecta o Largo da Ordem ao Cavalo Babão, estendendo-se para baixo até a Barão do Serro Azul e para cima até as Ruínas de São Francisco, pelo menos.

Mapa 2 – Extensão da vida noturna e de lazer no Largo da Ordem



Fonte: Desenvolvido pela autora deste artigo com apoio do Google Maps (2022)

Mapa 3 – Extensão da Feira do Largo da Ordem, aos domingos



Fonte: Desenvolvido pela autora deste artigo com apoio do Google Maps (2022)

Embora a intenção aqui nessa primeira parte fosse ponderar sobre os limites adotados para a caracterização da área objeto deste ensaio, aqui já são gestadas questões interessantes ao campo da Antropologia Urbana, a respeito da caracterização das fronteiras como móveis, situacionais e discursivas, sujeitas a percepções e representações produzidas e alimentadas pelas práticas urbanas. Nesse sentido, é importante observar que as delimitações aqui propostas e identificadas nos Mapas 2 e 3 também correspondem a práticas identificadas no momento em que este ensaio é escrito, podendo não corresponder à forma como essas fronteiras seriam percebidas em outro contexto.

> Em qualquer pesquisa etnográfica, todo objeto se define por um limite, que o distingue de um exterior e o faz existir. De modo mais geral, é sempre sobre uma fronteira existente, na qual ganha sentido a relação entre identidade e alteridade, que o 'outro' começa a existir para 'mim' ou para 'nós'. [...] Contudo, se quisermos ser coerentes com esta concepção relativa, devemos precisar de saída que as delimitações e as caracterizações de cada cidade estudada em um dado momento não são eternas, nem definitivas (Agier, 2015, p. 486).

E é pensando nas representações sobre esse espaço de fronteiras difusas que vou propor a próxima seção, em que discuto métodos de inserção em campo, situando a pessoa que escreve como moradora do lugar que deseja estudar.

3 Fazer Campo no Quintal de Casa

É importante que se diga: hoje, em um domingo de sol em outubro de 2022, a duas semanas das eleições[1], escrevo ouvindo a música da Feira do Largo da Ordem, e, se olho pela janela, vejo toda a extensão da feira e a multidão que aproveita um raro dia de sol nesta primavera.

Moro no 13º andar do Edifício Barão do Serro Azul – que fica na Rua Prefeito João Moreira Garcez, a cerca de 100 m do final da Rua Barão do Serro Azul. O Largo da Ordem é meu caminho cotidiano para o trabalho. Saio de casa às 07h30, subo a São Francisco, o Largo da Ordem, a Claudino dos Santos, o Cavalo Babão, viro na Trajano e vou até a Inácio Lustosa, seguindo depois por ruas que já não fazem parte do recorte de nosso interesse. Nesse caminho, diga-se, tenho esparsa companhia de pedestres e de automóveis. A esse respeito cabem algumas linhas.

Essa percepção de um ambiente relativamente vazio pode estar relacionada à percepção de perigo que colegas de trabalho já me relataram quando mencionei minha escolha de residência, considerada heterodoxa por servidores do Município com quem divido o ambiente de trabalho de segunda a sexta. O ouvido atento que aprendi a desenvolver na Antropologia já relatou expressões que vão desde leves sobressaltos, como "região complicada" e "gente esquisita" até alguns alertas mais incisivos como "facadas", "tiros" e "*skinheads*". Chamou-me a atenção que, além de não conhecer qualquer pessoa no trabalho que more pela região central, tampouco conheço alguém que frequente o Largo da Ordem como lugar de práticas de lazer, a não ser eventualmente na feira de domingo.

As representações sobre os centros históricos das cidades brasileiras como lugares perigosos são um assunto já vastamente debatido na academia, e não pretendo me aprofundar aqui; proponho apenas que essa forma de relatar a região central de Curitiba não é um privilégio desta cidade ou de meus colegas de trabalho, mas sim uma recorrência em cidades grandes brasileiras, relacionada sim a problemas reais, mas também relacionada à onipresença das representações do perigo, frequentemente desindexadas dos dados e fatos, como propõe Feltran (2010). A associação entre perigo e "gente esquisita" ou "gente diferente" também é recorrente e trabalhada por Caldeira (2003), indicando que a percepção de risco não está associada somente a ocorrências de crimes, como assaltos, mas a um desconhecimento das regras e dinâmicas de espaços frequentados por pessoas diferentes daquelas do convívio cotidiano de minhas interlocutoras. A autora elabora a percepção do risco do Centro pelas classes altas à presença de grupos marginalizados dotados de agência política, principalmente após o fim da ditadura militar, o que corresponde a minha percepção do espaço do Largo da Ordem, bem como do Centro da cidade de forma mais abrangente – espaço múltiplo, de encontros e conflitos entre diferentes grupos e formas de expressão.

De fato, a memória de dois eventos marcantes nos discursos das pessoas com quem conversei – um homicídio a facadas em 2014 na Rua São Francisco e uma briga generalizada que resultou em prisões em frente a um bar específico – indica que, menos do que uma

[1] Em outubro de 2022, foram realizadas eleições no Brasil, em que foram formadas novas legislaturas nas esferas estaduais e federal, eleitos governadores e o novo Presidente da República. A eleição presidencial foi disputada em dois turnos, com a vitória do candidato Lula (Partido dos Trabalhadores), da centro-esquerda, por uma margem muito pequena contra o candidato à reeleição, Jair Bolsonaro (Partido Liberal), da extrema-direita.

sucessão de eventos recorrentes que fundamentam a percepção do risco, trata-se da busca por eventos que legitimem e reforcem uma percepção que tem outras raízes. Mas, como disse, não pretendo me aventurar pelo campo espinhoso e complexo da insegurança urbana dos grandes centros.

Feitas essas considerações, aqui pretendo me debruçar sobre minha condição de fazer trabalho de campo nesse lugar onde moro, por onde caminho todos os dias, que vivencio em todas as situações, sendo participante desses eventos, sendo talvez uma das "pessoas esquisitas", participante da boemia, da feira e do cotidiano vazio das segundas feiras. "Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder 'pôr-se no lugar do outro'" (Velho, 1978, p. 127). Mais do que buscar uma suposta objetividade, é preciso, no trabalho de campo, saber situar nosso próprio olhar, e buscar um esforço ativo de conferir ao familiar o estatuto de objeto que merece um olhar dedicado normalmente direcionado ao exótico – o binômio exótico-familiar é trabalhado por DaMatta (1978, p. 28-29), que propõe o desafio de "[...] estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir [...] o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação". Ou, nas palavras de Velho (1978, p. 131), "[...] o processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações".

Da mesma maneira como é preciso situar nosso olhar sobre o que nos é familiar em termos de território e de práticas sociais, é de se esperar que as representações que acesso sobre o lugar tenham influência sobre minha leitura dos eventos que pretendo observar. O campo dos estereótipos também é discutido por Velho (1978, p. 127) no âmbito de uma "dimensão do poder e da dominação" e "à distribuição social de poder que é essencialmente desigual em uma sociedade de classes". De um ponto de vista analítico, sobre as formas de situar os estereótipos no trabalho de campo, Feltran (2010, p. 527) propõe:

> O que a etnografia permite fazer de modo singular, na tentativa de equacionar analiticamente essa questão [dos estereótipos], é modificar o estatuto de cada matriz discursiva, situando-as em seus contextos próprios de formulação e locução, ou seja, expondo seu caráter francamente analítico e, portanto, desnaturalizando os critérios pelos quais estas categorias cristalizam juízos acerca daquilo que reivindicam 'apenas' descrever. Esses matizes de discurso se tornam, portanto, elas mesmas objeto de reflexão continuada, numa perspectiva etnográfica.

Nesse sentido, proponho que, em lugar de buscar a construção de um olhar neutro, desinteressado, que não leve em conta os estereótipos, o caminho para o trabalho de campo nesse tipo de contexto urbano está muito mais relacionado a compreender e situar as origens desses estereótipos e as formas pelas quais nos relacionamos com eles, tanto em termos de sua origem como em termos das formas pelas quais me relaciono com esses estereótipos uma vez que estou lidando com um lugar que faz parte do meu cotidiano.

Ainda a respeito das condicionantes metodológicas do recorte escolhido, o Largo da Ordem é um lugar que induz a pensar em práticas de campo associadas à caminhada, à deriva, ao perder-se. Ao propor a "observação flutuante", Pétonnet (2008, p. 101) argumenta

que "[...] andar pela rua sem cumprimentar ninguém, atravessar incógnito a multidão, tais são os direitos dos citadinos". A proposta metodológica da autora

> [...] consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la "flutuar" de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes (Pétonnet, 2008, p. 102).

Embora o Largo da Ordem me pareça um lugar particularmente apropriado à prática da observação flutuante, não posso avançar sem propor uma crítica à premissa colocada pela autora sobre os "direitos dos citadinos", sugerindo aqui um diálogo com Delgado (2007, p. 138), que lembra que

> [...] a muitas pessoas se nega esse direito ao distanciamento e à reserva, e não podem desprender, nem sequer em um espaço público em teoria de todos e de ninguém, dos marcadores que os inferiorizam com relação às parcelas plenamente estruturadas e hierarquizadas da vida social.

O autor se refere a determinados marcadores a partir dos quais

> [...] essas pessoas perdem os benefícios do direito ao anonimato e deixam de parecer desconhecidos que não despertam nenhum interesse, para passar a ser detectados e localizados como indivíduos cuja presença – que até então poderia passar despercebida – acaba suscitando situações de contato geradoras de mal-estar, inquietude ou ansiedade (Delgado, 2007, p. 139).

Nesse sentido, há que situar e relativizar o significado do anonimato – ou do próprio direito ao anonimato – em diferentes espaços públicos. Feitas essas considerações, o Largo da Ordem, como boa parte da região central de Curitiba, parece um lugar particularmente propício a esse tipo de prática, pela notável heterogeneidade de marcadores e comportamentos que abriga em seu cotidiano, bem como por meu pertencimento ao ambiente, de modo que a observação flutuante tende a ser uma abordagem metodológica apropriada.

Considerando, então, a necessidade de situar-me no lugar, de situar as representações que tenho a respeito do lugar, e as possibilidades ou não de circular de forma anônima, entendo que, mais do que buscar uma pretensa objetividade, devo levar em conta minhas subjetividades e minha participação nessas dinâmicas como variáveis, e situar essas variantes em minhas reflexões. Observo enquanto tomo minhas cervejas na noite de sexta, enquanto compro produtos artesanais na feira do largo, enquanto dou esmola para alguns dos muitos mendigos nos dias de semana. É inevitável ser parte do que observo e vivencio. Nesse sentido, seria possível discutir esse trabalho de campo no âmbito da observação participante, em sua acepção clássica; mas proponho, a partir da abordagem de Delgado (2007), que, nesse tipo de contexto urbano, a observação participante se faz a partir do momento em que se observa, por uma invocação dos sentidos que permitem um contínuo processo de interpretação e adequação dos papéis dos atores da cena urbana. Segundo o autor, "[...] é porque observam que participam, uma vez que esse contexto social é um espaço de e para a aparição, uma sociedade ótica, ou seja, uma sociedade de percepções imediatas, de ver e ser visto" (Delgado, 2007, p. 144).

Naturalmente, um ensaio etnográfico associa a inserção em campo à interpretação por meio de métodos exaustivamente discutidos por gerações de estudiosos, que carrego na bagagem. A permanência em campo deve envolver um olhar sempre atento, disposto a "descrever a banalidade do cotidiano" (Brandão, 2007, p. 15) e mesmo a captar o não-dito pelas pessoas com quem dialogamos – "[...] numa pesquisa, muitas vezes, a coisa mais importante são as respostas que não foram perguntadas, as coisas que fluem e saem livremente" (Brandão, 2007, p. 27). A tarefa à qual me proponho exige aqui um equilíbrio que deve ser buscado o tempo todo entre um olhar analítico e que busca associações e produções de sentido e uma sensibilidade que pode ser mais bem trabalhada ao se permitir experimentar o espaço.

> [...] a experiência de trabalho de campo tem uma dimensão muito intensa de subjetividade. Ou seja, ainda que o antropólogo possa se armar de toda uma intenção de objetividade, de obtenção, de produção de dados e informações, os mais objetivos, os mais reais [...] possíveis, de qualquer maneira, muito mais do que em outros casos, todo trabalho de produção de conhecimento aí se passa através de uma relação subjetiva. A pessoa que fala, fala para uma outra pessoa. Uma relação entre pessoas que tem uma dimensão social, e uma dimensão afetiva se estabelece. Dados de troca, de sinais e símbolos entre as pessoas se estabelecem inevitavelmente e isso marca não só a realização do trabalho, mas o material produzido por esse trabalho realizado (Brandão, 2007, p. 12).

Assim, é importante situar que as reflexões que acompanham o relato que trarei a seguir estão afetadas por esses tantos aspectos – o que colegas de trabalho me relatam, o que vejo pela janela todos os dias, meu interesse pela feira, meu olhar construído pela faculdade de Arquitetura que seleciona determinadas materialidades e dinâmicas, a cerveja da noite de sexta, o desconforto com a presença da polícia, minhas próprias filiações políticas, a familiaridade com certos gêneros musicais. E, mais importante, assumir essas subjetividades como parte da observação não implica – pelo contrário – uma desfiliação do método científico. A produção de sentidos do que foi observado aqui é feita em companhia de autoras e autores que fundamentam entendimentos e propiciam associações que permitem que esses eventos, esse final de semana em particular, tragam alguma contribuição para os debates para os quais pretendo contribuir – da Antropologia Urbana, da Arquitetura e Urbanismo, da vida urbana nos grandes centros, da vida urbana em Curitiba, da vida urbana no entreturno da eleição de 2022.

4 Outubro de 2022

Na sexta-feira saí para o trabalho pela manhã, como de costume. Usando casaco impermeável, calça comprida, botas e uma bolsa grande de quem talvez tenha que ficar o dia inteiro no trabalho caso chovesse, cumprimentei o porteiro e atravessei a rua. Caminhei meus vinte minutos habituais até o trabalho, passando por moradores de rua enrolados em cobertas de feltro nas portas das igrejas e dos bares. Na Trajano contavam-se nos dedos as pessoas andando a pé – todas, assim como eu, aparentemente indo trabalhar. Cumprimentei o gari pelo qual passo todo dia em frente à Comunidade Luterana e à Padaria América, dois dos poucos estabelecimentos abertos em uma rua formada por mais de vinte bares em quatro quarteirões, e por isso mesmo vazia pela manhã.

Na volta do trabalho, às 18h (tive que almoçar lá por causa da chuva que caiu esparsa ao longo do dia), o clima era bem diferente. Os bares da Trajano começavam a abrir, embora o público ainda fosse pequeno. Os bares Yag e Let's Que Vamos botando suas mesas nas calçadas, o Sirene começando a tocar a habitual lista de rock brasileiro, o Villa Bambu já cheio de gente na frente. *Punks*, *hipsters*, travestis, bichos-grilos; estudantes, trabalhadores; principalmente jovens. O tempo abriu, a temperatura esquentou, eu agora carregava na mão o casaco, e a vista do Cavalo Babão em direção à Barão do Serro Azul revelava que o movimento dessa noite seria intenso, já que os bares todos colocavam suas mesas nas ruas – o 14 Bis, A Caiçara, o Canecão, o Bar do Largo. Não o Quintal do Monge e o Bar do Alemão, porque esses dois estabelecimentos são experienciados em seus interiores. Mas, abaixo do Largo da Ordem, mais mesas na rua – Meduza, Zodiacs, Café do Zeca e The Brothers.

Combinei de encontrar pessoas queridas no Cavalo Babão mais tarde. Agora a densidade demográfica só aumentava. Muita gente caminhando, se deslocando para o bar de sua preferência ou entre bares, ou apenas curtindo o movimento noturno com copos ou garrafas nas mãos. O clima era descontraído, com os grupos de amigos andando de forma displicente e vez por outra conversando e dando risada em voz alta. Embora ainda não fosse uma noite quente, jovens arriscavam roupas e acessórios que mostravam o corpo, combinando blusas *cropped* (que deixam a barriga à mostra) e *shorts* com casacos pesados e botas.

Como disse mais cedo, me chamou a atenção que quase ninguém (ou, até onde eu sei, ninguém) com quem trabalho frequenta a noite do Largo da Ordem. Um breve olhar permite identificar, apesar da grande heterogeneidade, que, de fato, as pessoas ao meu redor já não se pareciam àquelas do ambiente onde trabalho. É esperado que os modos de se vestir sejam diferentes – até eu troquei de roupa – mas aqui estamos falando de gestuais e de identificações, filiações a determinados grupos. Quando falo de *punks* estou falando de pessoas autoidentificadas nesses termos, como vou demonstrar mais adiante. Quando falo de pessoas *queer*, estou falando de pessoas que marcam em seus corpos permanentemente a inconformidade com padrões que são reproduzidos à exaustão no lugar onde trabalho, por exemplo. Em geral percebo corpos de pessoas jovens – a maioria mais jovens que eu, embora minha geração dos trinta e poucos esteja bem representada. Pessoas mais ou menos maquiadas, mais ou menos ousadas, com diferentes cortes e cores de cabelo. Em uma leitura muito subjetiva, mas que será amparada por dados de campo, um ambiente que poderia ser lido como progressista sob o ponto de vista dos costumes e da política. As "pessoas esquisitas" de quem ouvi falar.

Chama a atenção também, e principalmente na Trajano, como o comércio de entorpecentes ilícitos, principalmente aqueles associados ao lazer e à diversão, é escancarado. Caminhar um pouco pela Trajano no início da noite é ouvir ofertas absolutamente desinibidas por "raio" ou "MD", drogas recreativas sintéticas usadas geralmente em contexto de festas. Esse comércio, que pode estar também associado ao discurso do perigo, contrasta com a onipresença de viaturas e motos da polícia que vejo pela janela todas as noites marcando presença ostensiva na região. Na mesma medida chamam a atenção as incontáveis pichações em paredes de casarões antigos, inclusive a própria Igreja do Rosário. O conflito permanente entre o ilícito e a presença do aparato de repressão do Estado não implica um clima tenso, embora talvez o pudesse parecer para alguém que não tem o costume de frequentar a noite dessa parte da

cidade. Para quem conhece a região, os traficantes e policiais parecem ser atores entre outros que compõem a paisagem habitual, em lugar de um conflito entre lei e crime.

Logo encontrei as pessoas que saí para encontrar. Ambas com a minha idade, ambas procurando um poste para prender as bicicletas que as transportaram desde um bairro residencial. Encontramos outras pessoas que tinham um objetivo nobre para essa noite: fazer campanha para a eleição que se avizinhava. Alguns dos diálogos travados em frente ao chafariz trazem importantes reflexões a respeito da caracterização desse espaço, que pretendo discutir a seguir.

Uma das pessoas que propuseram o movimento explicou que fazer campanha por um candidato do campo progressista aqui poderia soar, em suas palavras, "chover no molhado", mas ele explicou que a ideia é que uma pessoa que ainda opte pelo campo conservador, mas que frequenta o Largo da Ordem, tende a ser uma pessoa com a "cabeça mais aberta" a ouvir e discutir ideias, em oposição a uma pessoa que não gostaria de frequentar esse espaço. Aqui estamos lidando com uma caracterização que é atribuída a pessoas que frequentam determinado lugar em determinadas circunstâncias, como a assumir, primeiro, que a maioria das pessoas aqui são identificadas com o campo progressista na política – como ficaria atestado ao longo dos próximos minutos – e, segundo, que frequentar o Largo da Ordem numa noite de sexta pressupõe uma disposição a dialogar e a lidar com a diferença. A heterogeneidade de frequentadores, mas também a presença de tantas pessoas que performam comportamentos que questionam determinados padrões, induz esses interlocutores a atribuir certas características entendidas como necessárias ao bem-estar na noite do Largo.

Lembrei-me de como Caldeira caracteriza os ideais modernos do espaço público, e penso que a associação entre determinadas práticas culturais e filiações políticas não é casual. De acordo com a autora:

> Os ideais modernos do público não se referem apenas à vida na cidade, já que estão sempre ligados a concepções da política. A promessa de incorporação à sociedade moderna inclui não só a cidade e o consumo, mas também a política. Imagens da cidade moderna são de muitas maneiras análogas às da comunidade política liberal, consolidadas com base em um contrato social entre pessoas idealmente iguais e livres. (Caldeira, 2003, p. 305)

Caldeira relaciona os encontros e a diversidade marcantes de espaços como o Largo da Ordem à própria ideia de democracia, pautada aqui inclusive pela imprevisibilidade dos encontros.

> Ideais da política democrática – abertura, indeterminação, fluidez e coexistência de diferenças não assimiladas – encontraram algumas de suas melhores expressões nos espaços públicos das cidades modernas. Esses espaços promovem interações entre pessoas que são forçadas a confrontar seus anonimatos e os dos outros com base na cidadania e assim a reconhecer e respeitar os direitos iguais do outro (Caldeira, 2003, p. 307).

Nesse sentido, é possível identificar que essa forma de experienciar o lazer no espaço público tem uma profunda dimensão política, que ajuda a entender o que é intuído por meus interlocutores sobre um certo espírito progressista, por assim dizer, encontrado na noite do Largo da Ordem.

Um pouco por minhas convicções, mas também um pouco pela oportunidade de campo, decidi acompanhar esse grupo em sua missão política. O primeiro grupo que encontramos eram jovens sentadas na porta da Igreja do Rosário, trajando roupas escuras e brilhantes, com maquiagem pesada, usando acessórios com "*spikes*" (espinhos metálicos em tiras de couro) e coturnos, tipos de calçados similares a botas, com solado grosso e cadarços. Essas pessoas se mostraram simpáticas e abertas à abordagem, mas manifestaram que não votam por serem contrárias à instituição que chamaram de "democracia burguesa" – logo se autointitularam *punks* anarquistas. De fato, meses atrás outra pessoa autointitulada *punk* me abordara na volta do trabalho me pedindo dinheiro, explicando que estava tentando voltar a Porto Alegre após ter vindo fazer um show com sua banda em Curitiba e não ter recebido o cachê. Embora a palavra "*punk*" possa ter seu sentido continuamente transformado desde o surgimento do movimento artístico e estético no fim dos anos 1970, essas pessoas particularmente pareciam identificadas aos princípios que o guiam desde então, como a pertencer a uma continuidade histórica que as define e caracteriza.

Poucos metros à frente, meus interlocutores dialogaram por pouco mais de dois minutos com um rapaz muito jovem que vendia brigadeiros. Um menino branco, usando camisa abotoada e com um topete loiro, que explicou de forma sorridente e complacente que optaria pelo candidato oposto àquele que defendíamos, embora não se sentisse à vontade, porque era a escolha de toda a família, segundo ele, de pequenos empresários do interior do Estado. Ao longo da noite foram apenas três indivíduos – todos homens jovens – que manifestaram essa escolha política, todos dispostos a dialogar até certo ponto, e demonstrando compreender que sua visão de política era pouco comum nesse ambiente.

A maioria dos grupos com que dialogamos, por outro lado, manifestou de forma entusiasmada que votariam no candidato por quem fazíamos campanha, e fizeram questão de se mostrar no mesmo lado. A manifestação contrária ao ato da votação apareceria mais algumas vezes, acompanhada sempre por uma identificação estética marcantemente *punk*.

O que faz do Largo da Ordem um espaço que oferece conforto e acolhimento a pessoas com expressões dissidentes? *Punks*, pessoas *queer*, pessoas com adereços que expressam a filiação a movimentos políticos de esquerda, por algum motivo essa parte da cidade parece ser uma escolha segura e estimulante para esses grupos. Esse questionamento remete aos conceitos de pedaços, manchas, trajetos e pórticos (Magnani, 1993), conceitos que tensionam fronteiras e territórios com práticas e filiações identitárias. Na citação a seguir Magnani refere-se a "jovens negros" e a "dar um trato no visual ou comprar discos", mas podemos nos referir aos muitos grupos que identificamos ao longo do trajeto.

> Quando jovens negros saem de suas casas e dirigem-se a este seu pedaço, no centro da cidade, não o fazem, necessariamente, para dar um trato no visual ou comprar discos: vão até lá para encontrar seus iguais, exercitar-se no uso dos códigos comuns, apreciar os símbolos escolhidos para marcar as diferenças. É bom estar lá, rola um papo legal, fica-se sabendo das coisas... e é assim que a rede da sociabilidade vai sendo tecida (Magnani, 1993, p. 9).

Acabamos a noite tomando algumas cervejas em pé em uma calçada da Trajano – embora não faltassem opções para sentar-nos e bebermos em bares fechados, debatendo um pouco sobre o que havia sido o movimento, mas também conversando sobre outros assuntos de forma descontraída.

No dia seguinte, sábado, encontrei meu irmão e um amigo dele para almoçarmos no Centro. Não nos ocorreu o Largo da Ordem como opção, já que, embora haja alguns poucos restaurantes que abrem para almoço, o lugar fica menos movimentado. Quis mostrar a eles a Rua Quinze, principal calçadão comercial do Centro da cidade, que fica muito movimentado e animado nas manhãs de sábado, principalmente por pessoas indo fazer compras no comércio popular, mas também por famílias e grupos de amigos que vão se encontrar e ter um momento de lazer – foi o nosso caso.

Após o almoço fomos aproveitar o sábado de sol em um dos muitos parques da parte norte da cidade, e pouco após o pôr-do-sol decidimos sentar-nos em um dos bares do Largo da Ordem. Em vez de irmos para a Trajano, ficamos em um bar mais próximo ao Cavalo Babão. Embora ainda houvesse sol, o movimento já estava intenso, indicando que as pessoas já estavam se divertindo ali desde cedo. No bar que escolhemos, e onde sentamos em uma das mesas postas no espaço público, o serviço estava muito demorado devido ao movimento muito maior do que o convencional.

Aos poucos a noite de sábado foi se assemelhando à noite de sexta, ainda que o agito pareça haver começado mais cedo, provavelmente porque no sábado as pessoas têm tempo livre para o lazer desde mais cedo, bem como mais disposição. Em um dos bares havia um samba ao vivo no pátio dos fundos, em outro havia um músico tocando e cantando em um banquinho na frente do bar, e onde os bares não ofereciam música jovens providenciavam por meio de caixinhas de alto-falante reproduzindo funk, pop e brega.

O final de semana culmina no domingo, e no domingo o Largo da Ordem parece outro lugar. Desde antes de o sol nascer, os comerciantes estão montando suas barracas para a Feira do Largo da Ordem, evento dominical que acontece há anos e que, mesmo em dias de chuva e frio, atrai pessoas da cidade inteira. Um breve olhar de quem chega à feira por volta das dez, como fizemos eu e um grupo de amigos, permite identificar que há pouca intersecção entre o público das noites de sexta e sábado e aquele que frequenta a feira. Se eu me referia a corpos dissidentes no que se refere a roupas, acessórios, maquiagens e gestual, aqui o padrão socialmente aceito chama a atenção: homens usando camisa abotoada, acompanhados de namoradas ou esposas usando vestidos longos, muitas vezes com crianças arrumadas pelos pais. Embora haja espaço para a diversidade, trata-se de um público visivelmente diferente e mais identificado com uma normatividade que não pertence a um nicho territorialmente demarcado.

A própria configuração do espaço se altera profundamente, a ponto de tornar-se difícil a orientação para quem frequenta o Largo em outros momentos. As barracas de feira delineiam corredores e pequenos largos, em que o trânsito fica desafiador conforme nos aproximamos do meio-dia e mais e mais pessoas vão chegando à feira.

Remetendo novamente a conversas no ambiente de trabalho, lembro de ter ouvido menções carinhosas, e às vezes nostálgicas, à Feira do Largo da Ordem, inclusive por parte de pessoas que não ousariam andar pela região nas noites de sexta e sábado, ou em qualquer outro horário. A impressão que tenho é que, nos domingos, o Largo da Ordem passa a ser parte da cidade frequentada e desejada pela normatividade. É também nos domingos que o Memorial de Curitiba, grande arquitetura pós-moderna que abriga espaço de eventos e museu, sedia apresentações de dança e teatro abertas ao público, normalmente valorizando performances associadas à identidade local – grupos folclóricos que remetem à ascendência

alemã, polonesa e ucraniana, por exemplo, apresentam-se com frequência aos domingos. De certo modo, o Largo da Ordem é reconfigurado aos domingos não somente em um aspecto de ordenamento territorial, pelas barracas da feira, mas em termos de representação, colocando-se como um dos centros da vida social e cultural da cidade de Curitiba. Aqui já não se notam as rondas ostensivas da polícia.

O "espírito progressista" identificado na noite de sexta segue presente: nesse mesmo dia o largo do Cavalo Babão parecia-se com um comitê de campanha do candidato do campo progressista nas eleições, com a cor vermelha onipresente e com militantes geralmente sorridentes distribuindo adesivos e agitando bandeiras. Não é possível atestar até que ponto essas pessoas podiam conquistar a antipatia dos eleitores do candidato adversário (que, em Curitiba, ganharia por margem expressiva), mas o clima não era bélico, e sim festivo, como a indicar que, assim como ocorrera na noite de sexta, as pessoas frequentam o Largo cientes do que vão encontrar em termos de posicionamento político dominante, concordando ou não.

Naquele domingo, fomos à feira e depois fomos passear em outro lugar da cidade. Mas, no horário do pôr-do-sol, mais uma vez nos vimos no Largo, para tomar uma cerveja em um bar muito próximo à minha casa. Com as barracas já desmontadas (geralmente ocorre entre as 14h e as 16h, aos poucos), o clima era similar ao das noites anteriores, embora com menos movimento. Também foi mais cedo que as pessoas foram aos poucos deixando o espaço rumo a suas casas – a maioria, suponho, trabalha ou estuda na segunda pela manhã, como é meu caso. E assim, na manhã de segunda, voltei a transitar pelo espaço vazio de barracas e pessoas e mais uma vez ressignificado, a iniciar mais um ciclo.

5 Considerações Finais

O estudo das cidades, particularmente sob uma perspectiva cultural, das práticas e dinâmicas urbanas, deve sempre estar atento às transformações e mudanças em todas as escalas – pensando as grandes mudanças que acontecem devagar ao longo das décadas, mas também as formas como um lugar pode ser percebido em diferentes estações do ano, em diferentes dias da semana, entre a manhã e o fim da tarde. Como nos lembra Agier (2015, p. 484), "a cidade é feita essencialmente de movimento". Embora a materialidade da cidade seja também agente das práticas urbanas, "[...] as calçadas, como espaços urbanos por excelência, devem ser consideradas, portanto, terreno para uma cultura dinâmica e instável, elaborada e reelaborada constantemente pelas práticas e discursos de seus usuários" (Delgado, 2007, p. 129). Com isso quero dizer que o olhar para as culturas urbanas deve ser um olhar que leva em consideração, sim, as transformações e dinâmicas, mas os contextos dessas dinâmicas, os contextos das práticas desses usuários que, afinal, vivem a cidade e o mundo para além do recorte que escolhemos estudar nesse final de semana. As práticas identificadas nesse fim de semana em particular têm a ver com o fim de semana, sim, mas também com o calor após muita chuva em 2022, com o entreturno de um processo eleitoral histórico no Brasil, com o trauma recente do pior momento da pandemia, entre outros aspectos que devem necessariamente ser situados para uma análise responsável. Existem, no entanto, elementos temporais de uma escala mais abrangente que também agenciam as práticas do lugar.

O Largo da Ordem é um evidente lugar de conflitos no Centro de Curitiba, conflitos que se dão não somente no âmbito da possibilidade de ocupar o espaço, mas nas formas de pensar

a cidade, de "fazer-cidade", entendida aqui como "movimento permanente de transformação urbana no tempo e no espaço" (Agier, 2015, p. 484). Aqui proponho pensar que a configuração e reconfiguração das fronteiras simbólicas do território por diferentes grupos é um exercício de direito à cidade no sentido indicado por Harvey (2014, p. 29), quando propõe que

> [...] reivindicar o direito à cidade no sentido que aqui proponho equivale a reivindicar algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização, sobre o modo como nossas cidades são feitas e refeitas, e pressupõe fazê-lo de maneira radical e fundamental.

Proponho essa leitura no sentido não da transformação do ordenamento territorial em um aspecto de planejamento urbano, mas sim de uma transformação temporária da forma como o território é apropriado e lido pela população, produzindo novos marcos e fronteiras que agenciam as formas pelas quais diferentes grupos circulam pela cidade.

> Uma antropologia cujos objetos não são mais concebidos como automática e naturalmente ancorados no espaço vai precisar prestar particular atenção à maneira como os espaços e lugares são feitos, imaginados, contestados e reforçados (Gupta e Ferguson, 1992, p. 17-18).

Além da transformação temporária, essas formas distintas de ocupação do território são também gestos relevantes no sentido de pautar a política urbana com relação ao tipo de cidade que se deseja – no caso do Largo da Ordem esses talvez sejam gestos conflituosos entre si.

Entre as particularidades do lugar objeto deste ensaio, entendo que não é incidental que se trate do marco zero da cidade, do ponto onde a historiografia afirma que a cidade foi fundada, como não é incidental que ali esteja situado o Memorial de Curitiba, entre outros monumentos públicos oficiais. É um lugar particularmente propício a disputas no âmbito do discurso, particularmente em uma cidade que historicamente tem se colocado ao lado de projetos conservadores e reacionários no âmbito da política institucional, como ficaria demonstrado pelo resultado das eleições poucas semanas após os eventos objeto deste ensaio. A ocupação do centro histórico da cidade por corpos e práticas espaciais que questionam as ideias dominantes da cidade é também, proponho, um gesto de tensionamento das narrativas hegemônicas desse território, ou mesmo da mera ideia de que existam ideias e princípios que representem a totalidade da cidade. A afirmação da existência de harmonias e consensos é uma característica da cidade contemporânea e neoliberal, marco da pós-modernidade, em um contexto de competitividade e atração de investimentos (Arantes; Vainer; Maricato, 2000), e os centros históricos têm um papel relevante nesse processo – segundo Zukin (2000, p. 210), "[...] o valor cultural das cidades modernas precisa ser explorado, explicado e afirmado por artistas e intelectuais contemporâneos. Esse grupo estabelece a perspectiva adequada para se ver a paisagem urbana histórica". A autora argumenta com relação à produção de uma identidade coletiva reforçada pelo consumo visual do espaço e pela ressignificação, por parte do Estado e das camadas mais poderosas do mercado, dos sentidos das paisagens urbanas em termos dessa identidade (Zukin, 2000). Por outro lado, nessa mesma cidade neoliberal, principalmente após a redemocratização do Brasil, os espaços públicos centrais são os lugares do tensionamento das hegemonias e da exposição dos conflitos.

> Esses ideais da política democrática – abertura, indeterminação, fluidez e coexistência de diferenças não assimiladas – encontraram algumas de suas melhores expressões nos espaços públicos das cidades modernas. Esses espaços promovem

> interações entre pessoas que são forçadas a confrontar seus anonimatos e os dos outros com base na cidadania e assim a reconhecer e respeitar os direitos iguais do outro. É claro que há várias maneiras de subverter aquela igualdade e invocar diferenças de status e hierarquias. No entanto, o espaço da cidade moderna, mais que qualquer outro, força esse encontro e consequentemente tem o potencial de desafiar e nivelar essas hierarquias (Caldeira, 2003, p. 307).

A autora explora formas pelas quais a abertura política, situada também no contexto da construção da hegemonia do neoliberalismo, levou as classes mais altas a abandonarem aos poucos os espaços centrais da cidade como forma de evitar o contato com grupos, caracterizados pelas classes mas também por outros marcadores, por meio da construção de espaços murados como os shopping centers e bairros inteiros (Caldeira, 2003). A ocupação do Largo da Ordem, principalmente nas noites e finais de semana, por segmentos sociais tipicamente malvistos pelas classes mais altas é também resultado de um processo que se observa em diversas partes do Brasil, em que o abandono do espaço pelas elites e por seus modos de produção do território abre espaço para outras formas de pensar e *fazer* a cidade, retomando aqui os termos de Agier (2015). Esse movimento, proponho, ajuda determinados grupos sociais a construir temporariamente em um determinado território suas formas de socialização e comunidade em contraste com o restante da cidade. Aqui proponho um diálogo com Gupta e Ferguson (1992, p. 8), quando argumentam que

> [...] ao manter em mente que as noções de localidade ou comunidade referem-se ao mesmo tempo a um espaço físico demarcado e a grupos de interação, nós podemos ver que a identidade de um lugar emerge pela interseção de seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados com suas construções culturais como uma comunidade ou localidade.

Como propõem os autores, não se trata aqui de sugerir uma desterritorialização, mas sim uma pulverização que tensiona as formas pelas quais situamos as culturas no mapa. As classes dominantes, observo, retomam o domínio do espaço durante a tradicional Feira do Largo da Ordem nas manhãs e inícios de tarde dos domingos, quando, no entanto, são inevitavelmente confrontadas pela pluralidade construída ao longo dos demais períodos, eventualmente reforçando suas narrativas sobre como percebem o centro histórico e, assim, o produzem simbolicamente.

Desse modo o Largo da Ordem abrange qualidades complexas e conflituosas entre si, entre ser um lugar central na estratégia da construção de consensos urbanos no sentido almejado pela cidade neoliberal (Arantes; Vainer; Maricato, 2000) por meio da produção de sentidos da imagem (Zukin, 2000), reforçada por monumentos contemporâneos como o Memorial de Curitiba, e o lugar da expressão do ideal democrático da pluralidade que desafia esses mesmos consensos (Caldeira, 2003). As complexidades desse lugar e das formas pelas quais ele vem sendo apropriado em diversos sentidos indicam, como já propuseram Gupta e Ferguson no contexto da pós-modernidade, que o espaço não se tornou irrelevante: ele foi reterritorializado de uma maneira que não conforma a experiência no espaço que caracterizou a era da alta modernidade. E é isso que nos força a reconceituar fundamentalmente as políticas de comunidade, solidariedade, identidade e diferença cultural (Gupta; Ferguson, 1992). Que as práticas dissidentes pareçam escapar pelos dedos das instituições em pleno centro fundador da cidade, em que pese a onipresença da polícia, é um tema que poderia ser aprofundado – essa disputa também faz pensar sobre até que ponto o aparato institucional da cidade realmente tem no Largo da Ordem

um lugar fundamental ou não para suas representações oficiais sobre Curitiba, por meio de uma admissão de certo grau de desordem e de apropriações culturais.

Em todos os casos, o estudo do Largo da Ordem remete mais uma vez à proposta de Magnani (2009, p. 132) de que

> [...] a cidade, mais do que um mero cenário onde transcorre a ação social, é o resultado das práticas, intervenções e modificações impostas pelos mais diferentes atores (poder público, corporações privadas, associações, grupos de pressão, moradores, visitantes, equipamentos, rede viária, mobiliário urbano, eventos, etc.) em sua complexa rede de interações, trocas e conflitos.

O reconhecimento das complexas fronteiras simbólicas e dinâmicas da cidade, entendo, demanda um olhar que leve em consideração as práticas locais, a serem captadas pelo olhar da/o pesquisador/a naquele instante, associadas a contextos sociais e políticos mais abrangentes que permitem situar e dar sentido a essas práticas.

> O que caracteriza o fazer etnográfico no contexto da cidade é o duplo movimento de mergulhar no particular para depois emergir e estabelecer comparações com outras experiências e estilos de vida – semelhantes, diferentes, complementares, conflitantes – no âmbito das instituições urbanas, marcadas por processos que transcendem os níveis local e nacional (Magnani, 1996, p. 25).

No caso em tela entendo que existem elementos que poderiam ser observados em inúmeras outras cidades, como a vida boêmia noturna da juventude no centro histórico em conflito com as formas de ocupação desse território em outros momentos, como há particularidades como as maneiras específicas pelas quais o centro histórico é apropriado pela narrativa institucional de Curitiba, com destaque para monumentos pós-modernos como o Memorial e o Cavalo Babão. Sem situar contextos abrangentes e contextos locais não seria possível oferecer sentidos e interpretações aos fenômenos observados e vividos.

Neste breve ensaio, não foi possível trazer mais do que à superfície alguns grandes temas de interesse da Antropologia Urbana, e acredito deixar muito mais provocações do que conclusões. São precisos aprofundamentos teóricos que deem conta tanto de entender processos históricos específicos da formação urbana de Curitiba como formações discursivas a respeito da cidade; assim como merecem mais aprofundamento diversas reflexões sugeridas ao longo deste ensaio. Trata-se de uma aproximação inicial, que se deixa levar pelo ambiente para captar temas de interesse que podem ser desenvolvidos posteriormente.

Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade: O antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 21, p. 483-498, jan. 2015.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BARTH, Frederick. Grupos étnicos e suas fronteiras. *In*: LASK, Tomke (org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000. p. 25-67.

BEM PARANÁ. **Após briga, PM usa gás lacrimogênio para dispersar aglomeração no Largo da Ordem, em Curitiba**. 2022. Disponível em: https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/apos-briga-pm-usa-gas-lacrimogenio-para-dispersar-aglomeracao-no-largo-da-ordem-em-curitiba/. Acesso em: 16 jun. 2025.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v. 10, n. 1, p. 11-27, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora 34, 2003.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. *In*: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DELGADO, Manuel. Apuntes metodológicos para sociedades sin asiento. *In*: DELGADO, Manuel. **Sociedades movedizas**: pasos hasta una antropología de las calles. Barcelona: Anagrama, 2007. p. 128-149.

FELTRAN, Gabriel. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. **Revista de Antropologia**, v. 53, n. 2, p. 565-610, 2010.

GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Beyond "Culture": space, identity and the politics of difference. **Cultural Anthropology**, Arlington, v. 7, n. 1, p. 6-23, fev. 1992.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana, São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo**, São Paulo, n. 2, 1993.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In*: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole**: textos de antropologia urbana. São Paulo: Edusp, 1996. p. 1-24.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

PÉTONNET, Colette. A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111, 2008.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças brasileiras**: public squares in Brazil. São Paulo: Edusp: Imprensa oficial do Estado. 2002. 312p.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. *In*: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 36-46.

ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. *In*: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.

Maria Guilhermina Galdo Ruchaud
Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Santa Catarina (2016), mestra em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (2019), doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (2026). Servidora do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), vinculado à Prefeitura Municipal de Curitiba (PMC).
Endereço profissional: Rua Bom Jesus, n. 669, Cabral, Curitiba, Paraná, Brasil. CEP: 80035-010.
E-mail: mgui89@protonmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1685-2446

Alicia Norma González de Castells
Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo – Universidade Nacional de La Plata Argentina (1975), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1987), doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001) e pós-doutorado na Facultad de Filosofia y Letras da Universidade de Buenos Aires (UBA) (2009). Professora Titular da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia Social e de Arquitetura e Urbanismo da UFSC. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Patrimônios Culturais e Antropologia Urbana. Coordenadora do NAUI Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (www.naui.ufsc.br). Sócia da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Foi vice-coordenadora do Comitê de Patrimônios e Museus da ABA (2015-2016). Pesquisadora do IBP, Instituto Brasil Plural. Editora de Cadernos Naui https://naui.ufsc.br/cadernos-naui/Representante da Associação Brasileira de Antropologia – ABA no Fórum regional de Santa Catarina. Bem

Cultural Imaterial "Saberes e Práticas tradicionais Associados aos Engenhos de Farinha de Mandioca de Santa Catarina" (NAUI/UFSC/IPHAN) #8722; foi registrado no Livro de Registro dos Saberes em 11 de março de 2026 como Patrimônio Cultural do Brasil. IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).
Endereço profissional: Rua Roberto Sampaio Gonzaga, s/n, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. CEP: 88040-900.
E-mail: alicianormacastells@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6963-1300

Como referenciar este artigo:

RUCHAUD, Maria Guilhermina Galdo; CASTELLS, Alicia Norma González de. Identidade e Política nas Fronteiras do Largo da Ordem, Curitiba, Brasil. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 28, e107510, p. 1-22, 2026.